

e respeito da terra que lhe tinha sido ingrata. Bem diferente da sua avó, a Rainha Dona Carlota Joaquina, que, ao chegar a Lisboa, bateu as suas sandálias, gritando que do Brasil nada queria, nem o pó que trazia em suas solas. Já lhe bastavam o ouro, as pedras preciosas, as madeiras finas, o açúcar, o algodão e as libras esterlinas tomadas de empréstimo pelo Brasil para pagar contas de Portugal.

Ao partir, D. Pedro II doou à Biblioteca Nacional o que ele tinha de mais caro: a sua riquíssima coleção de livros, fascículos, folhetos, revistas, estampas, partituras musicais, fotografias, mapas, manuscritos, mais de 48 mil volumes encadernados, sem contar as brochuras. Sua única exigência foi que essa coleção não fosse dispersada e recebesse o nome de *Coleção Teresa Cristina Maria*, em honra de nossa última Imperatriz, sua esposa. Foi a maior doação que a Biblioteca já recebeu e o seu valor cultural é inestimável. D. Pedro II, além de grande leitor e colecionador de livros, era um amador entusiasta da fotografia, a mais nova invenção da época. Colecionava fotos e negativos que ele mesmo tirava e recebia fotos e negativos dos amigos e dos mais famosos fotógrafos estrangeiros que vinham ao Brasil, as mais das vezes a seu convite. Tudo foi doado à Biblioteca. O velho monarca quase nada levou consigo. Nessas fotos está contada a história da própria arte fotográfica e também todo um período da história do Brasil e do mundo³¹.

Mas, como dizíamos, a República tinha sido proclamada. E alguma coisa tinha de ser mexida, na Biblioteca, para que o evento ficasse marcado. O primeiro administrador da Biblioteca teve mudado o nome do seu cargo: em vez de Bibliotecário, passou a ser chamado de Diretor. Parece ter sido um dos poucos

